C. B. P. E.

Rio, 31 de maio de 1962

Meu caro Walter,

Enquanto a casa de vizinha conversam em altos
gritos, escrevo-lhe estas linhas. Em presente um flagelado
da tragédia dos Lázaros, que escapou ileso com sua família,
e está só no apartamento do pintor Paim, que se acha no
Espírito Santo. Está chegando amanhã aqui no Jardim Botânico.

É-me grato mandar alguns livros ao amigo e colega,
cujo traço principal é permanecer tão rejeitado sempre e longe
da sua mocidade, limitar raro, e pouco
me conhece — a lembrança que me dedica em seu desenho. Já
o conheci — ao menos, o trechos principais — pois, alertado
por alguém, fui adquirindo os representações de A Tarde de Paim,
de mais atrás.

Não faça mais pose para a História, com você repórter verdade,
pois a minha ainda as coisas que aconteceram em aquela época de
vida ser fiter mais principalmente a fonte de dez anitia. No em
desenho da Academia Brasileira — pose — como quando pega segurem-se
de mim — não sei se também de você — mas isto me dói porque
o pega mamãe se preocupou em fazer História e nem em fazer romance.
Cumprido em desenho é apenas semana, achei que ele tinha o direito de
excluir esse aquele retrogrado. Não me peixei. Apenas telefonei
dois dias depois de que a maior parte do desenho se ficara, pois,
ser da Antônio que aparecem pessoas mortas como eu.
Você se preocupou com a verdade, como sempre. Você telefonou
não sabia da pintura à letra — e muito mais à Academia — onde
o Deraldo Dias foi me meter em pouco mais de 20 anos — mas
não sabia que você me omitiu. E assim se deu. Estou satisfeito.
Seu ingresso é um momento de inteligência, mas não existem
o nome Nestor, Rodrigo Otávio entre outros. Creio que ai a discussão
pesse ser melhores do que na Brasileira. Se o seu ser é alter dos
melhores. Podia se apoiar isto do seu talento. Precisamos trabalhar para o
outro Horas publicar no suplemento do Jornal do Comércio, e em
tempo, remeterei para você.
Recomende-me à família e abraço o amigo velho

Aydano Coutinho